

**DO CARTÃO DE VISITA AO FINAL DO LIVRO: UMA  
EMANCIPAÇÃO FEMININA CAUTELOSA NA OBRA “A  
DIVORCIADA”, DA ESCRITORA CEARENSE FRANCISCA  
CLOTILDE**

Letícia Leite Silva <sup>1</sup>  
Ana Paula Pereira Temótio <sup>2</sup>  
Liliane Viana da Silva <sup>3</sup>

**RESUMO**

Diante de uma sociedade patriarcal, a cearense Francisca Clotilde publica em 1902 a obra “A Divorciada”, romance que retrata uma temática tabu para a época. Com uma narrativa que discute o amor puro, porém ainda envolto aos padrões e convenções da sociedade, apresenta um reflexo social em que as mulheres-meninas se casavam muito cedo e já nasciam com destinos pré-estabelecidos. O romance discute questões sobre os papéis das mulheres e sua emancipação em uma sociedade hetero-elitista-patriarcal-machista, uma vez que o casamento era incindível e a lei do divórcio só foi estabelecida em 28 de junho de 1977. O presente trabalho visa discutir uma emancipação feminina que não costumava ser tão retratada, a emancipação cautelosa, quase como uma tentativa de “sobreviver” em um sistema machista. Como referencial teórico, destacamos nomes como Mota (2007), Cunha (2008), Colares (1977), entre outros. Tendo em vista que a obra não é conhecida, este artigo visa ajudar a tirá-la da invisibilidade, levando-a também para ser trabalhada em sala de aula.

**Palavras-chave:** Feminismo, Emancipação da mulher, Literatura Cearense.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu – FECLI, da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Email: [leticia.leite@aluno.uece.br](mailto:leticia.leite@aluno.uece.br).

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Letras da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu – FECLI, da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Email: [paula.temotio@aluno.uece.br](mailto:paula.temotio@aluno.uece.br).

<sup>3</sup> Professora Mestra - Orientadora do Curso de Letras da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu – FECLI, da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Email: [liliane.viana@uece.br](mailto:liliane.viana@uece.br).

## 1 INTRODUÇÃO:

Francisca Clotilde, nascida em Tauá-CE em 19 de outubro de 1862, foi pioneira ao escrever sobre divórcio. Além de ser a primeira mulher professora da Escola Normal Pedro II, atuou no movimento pela abolição da escravatura no Ceará, inclusive tornando-se membro da Sociedade das Senhoras Libertadoras. Segundo informa Cunha(2008, 148):

“Deste esboço de uma possível história de vida, sabe-se que nasceu em 1862, no sertão dos Inhamuns e que era de família abastada. A infância foi marcada pelas paisagens do sertão e experiências que se tornaram motivo para composição literária. Ainda no interior, Clotilde cursou o primário provavelmente em escolas caseiras. Na capital matricula-se no Colégio Imaculada Conceição para completar seus conhecimentos, como era o costume entre as meninas da elite ou classe média. Depois, já como professora da Escola Normal participa de acontecimentos significativos da Província. Paralelamente às atividades do magistério, consolidou seu nome na pauta diária da imprensa, expondo-se a comentários de mestres, colegas e alunos. Afinal de contas, por serem raras as mulheres que apareciam no cenário cultural, sua presença no espaço das letras poderia ser motivo de orgulho e exemplo a ser seguido pelas demais.”

Além de educadora, dedicou-se à escrita, à criação de crônicas, contos, romances, à redação de jornais e à criação de peças teatrais. Clotilde co-fundou a revista A Estrella com a filha. Nos 15 anos desde a sua criação, quase 200 volumes do livro foram publicados. O período de 1906 a 1921 foi um período ativo. Muitos escritores literários, tanto mulheres como homens, publicaram artigos na página em diferentes estilos e formatos, discutindo tópicos que vão desde os prazeres das flores e da natureza até o problema das atitudes "rude" dos homens em relação às mulheres.

“Datado de 1902, A Divorciada é um romance de assaz difícil caracterização. Surgido quando, no Ceará, a escola realista-naturalista se encontrava no auge da preferência dos nossos ficcionistas mais válidos e atuantes, talvez com ele, ou melhor, por certo com ele

aconteceu o que antes ocorrera a A Rainha do Ignoto, de Emília de Freitas: o estabelecimento de uma espécie de cinturão de gelo, um clima pior que o de combate

– o da indiferença total e mesmo criminosa, porque significou omissão de toda a geração contemporânea da autora, determinando a quase total ignorância, por parte de várias gerações subsequentes” (Colares, 1977, 59)

Em 1902 publicou o livro “*A divorciada*” que chocou a sociedade, sendo pioneiro no tema “divórcio” na literatura brasileira. A obra tem trinta e sete capítulos e conta a história da filha do Coronel Pedrosa, que dedicou todo o seu amor e carinho à sua filha após a morte de sua esposa. Sofrendo de tuberculose, doença com poucos recursos de tratamento no século XIX, ela foi levada pelo pai e duas irmãs para o interior de Redenção, no Ceará, em busca de recuperação. Acredita-se que o ar limpo do campo e o contato com a natureza beneficiarão os pacientes com tuberculose, proporcionando um tratamento mais eficaz e livre de poluição urbana.

Durante a sua estadia, Nazaré conheceu Chiquinho, morador da zona rural, e se apaixonou por ele. Porém, a consciência da disparidade entre as classes sociais e o fato de estar noiva do primo solteiro Arthur Pedrosa impossibilitaram seu casamento com Chiquinho. Assim, Nazaré foi impedida de vivenciar esse amor e foi forçada a se casar com Arthur simplesmente por obrigação e para realizar os desejos do pai sem desenvolver nenhum sentimento real por ele.

Após o casamento, Arthur revelou-se um homem de caráter extremamente questionável, viciado em jogos de azar e alcoolismo. Endividado, acabou se envolvendo em roubos, então decidiu fugir para o norte com a prima de Nazaré, Glória, deixando-a cuidando do filho. A protagonista se vê presa em um casamento difícil e doloroso, destruído pelo vício em drogas do marido. Ela fez o possível para ser uma esposa obediente e esconder dos outros a dor que sentia em casa.

O Coronel testemunhou a dor e a culpa da filha e decidiu divorciá-la e levá-la para casa. Porém, Nazaré não quis aceitar porque sentia que era seu dever como esposa

e mãe ficar com o pai do filho, enfrentando toda a dor ao renunciar e esperando que um dia a situação mudasse. Logo após a separação, Arthur morreu de tuberculose. Dois anos após sua morte, Nazaré finalmente se casou com Chiquinho. Essa nova união permitiu que ela escapasse do casamento infeliz e da pressão social sobre a reação das pessoas.

Uma possível razão pela qual a obra não foi bem recebida pelos leitores pode ser atribuída ao tema central do romance: o divórcio. A trama foi concebida cinco anos após a mudança de Francesca Clotilde de Fortaleza para Baturite. É importante destacar que o livro está repleto de um grande número de lembranças vívidas da vida da autora, e muitos acreditam que se trata quase de uma autobiografia devido às suas características pessoais.

O presente trabalho visa discutir uma emancipação feminina que não costumava ser tão retratada, a emancipação cautelosa, quase como uma tentativa de “sobreviver” em um sistema machista. Como referencial teórico, destacamos nomes como Mota (2007), Cunha (2008), Colares (1977).

## **2 A EMANCIPAÇÃO DA MULHER NA LITERATURA CEARENSE:**

A literatura cearense tem desempenhado um papel fundamental na representação e na promoção da emancipação da mulher. Através das palavras e das histórias criadas por escritoras e escritores do Ceará, tem-se testemunhado uma evolução significativa na forma como as mulheres são retratadas e percebidas na sociedade. Este artigo explora essa jornada de emancipação, destacando algumas figuras literárias notáveis e analisando como suas obras têm contribuído para a redefinição do papel da mulher na sociedade cearense

Para compreender o impacto da literatura na emancipação da mulher no Ceará, é essencial examinar as raízes históricas que moldaram a sociedade local. Ao longo do século XIX e início do século XX, as mulheres enfrentavam restrições significativas em termos de educação, carreira e participação na esfera pública. No entanto, a literatura começou a ser uma ferramenta de resistência e expressão.

### **2.1 O PIONEIRISMO ESQUECIDO:**

Muitos pensam imediatamente em Rachel de Queiroz quando mencionado o pioneirismo na literatura cearense, deixando muitas figuras importantes de lado, um exemplo sendo Francisca Clotilde, ela não apenas retratou a realidade das mulheres rurais, mas também questionou o papel da mulher na sociedade. A emancipação da mulher na literatura cearense é uma jornada contínua e evolutiva. Desde os primeiros esforços de Francisca Clotilde em questionar os papéis de gênero até as narrativas ousadas de Ana Miranda e a poesia provocativa de Angélica Freitas, as escritoras cearenses têm desempenhado um papel crucial na redefinição da representação da mulher na sociedade e na promoção de sua emancipação. Através das suas palavras, elas continuam a desafiar normas, celebrar a diversidade feminina e inspirar novas gerações de mulheres a se afirmarem como protagonistas de suas próprias histórias.

"Mas, para além e aquém de 1916 – o ano de seu decênio – há muito a ser contado. Ao todo, foram 15 anos de publicação, totalizando quase 200 exemplares. Intenso trabalho entre os anos de 1906 e 1921. Pelas páginas de *A Estrella* passaram dezenas de mulheres e homens de



letras, redigindo textos nos mais variados estilos e formatos, contemplando temas que iam desde a singeleza das flores e da natureza até a “grosseria” com que os homens tratavam as mulheres...” (Cunha, 2008, 97)

A contribuição de Clotilde para a literatura cearense é indiscutivelmente vital. Ao longo dos anos as autoras quebraram paradigmas, desafiaram estereótipos e abriram espaço para uma representação mais ampla e autêntica da experiência feminina. Suas histórias têm explorado questões sociais, desigualdades e busca pelo empoderamento, proporcionando uma perspectiva multifacetada do que significa ser mulher no contexto cearense. Enquanto a literatura cearense continua a evoluir, a voz da mulher permanece uma força impulsionadora na criação de narrativas profundas, reflexivas e transformadoras.

## 2.2 A EMANCIPAÇÃO FEMININA CAUTELOSA EM A DIVORCIADA:

O primeiro ponto a ser destacado é a forma como o romance é iniciado, no Cartão de Visitas. Francisca Clotilde começa alertando o leitor de que não é nada novo, e trata-se de um romance como os outros, onde os protagonistas precisam enfrentar adversidades antes de seu amor puro ser consumado, como podemos observar:

Não pense o leitor benévolo que vai ter diante dos olhos um romance de cenas aparatosas, cheios de peripécias emocionantes e lances extraordinários. É uma história singela de duas criaturas que se amaram com pureza, e as quais o destino torturou acerbamente antes de dar-lhes a felicidade almejada (Clotilde, 1902, 10).

Portanto, ao alertar o leitor para não formar expectativas, a autora parece não querer causar alvoroço sobre o tema, permitindo assim que a sociedade fique mais “tranquila” e ao mesmo tempo despertando a curiosidade pela leitura ao suprimir certos detalhes. Em última análise, despertando o desejo de descobrir o significado oculto por trás da narrativa. Nesse sentido, como se depreende do título do romance “*A Divorciada*” e do contexto em que foi publicado no final do século XIX e início do século XX, há um clima de divórcio que permeia a trama. Uma crítica à sociedade daquela época.

“Lia distraidamente um romance francês, do qual desejava traduzir certas passagens que diziam bem as condições em que se achava. Supunha-se a heroína do livro uma moça corajosa que arrostava com a vontade do pai para casar com um pintor que lhe conquistara inteiramente a alma. No lugar da protagonista teria feito o mesmo. Os pais não tinham o direito de opor-se as inclinações dos filhos, desde que visassem um fim legítimo. Era muito obediente, idolatrava o pai, mas se a sua felicidade dependesse de alguém que ele não visse com bons olhos, saberia reagir. Não era possível que a contrariassem. Habituada desde a infância a toda sorte mimos, só podia esperar a continuação desse carinho em que a haviam envolvido e que era um manto agasalhador muito tépido e macio estendido continuamente sobre a sua fraqueza. Voltava-lhe a reflexão. Fazia mal em ler romances que lhe exaltavam a imaginação doentia. Para que havia de

estar pensando em casamento? Convinha-lhe cuidar primeiro da saúde. E depois que ideal era o seu? Um matuto que não sabia entrar em um salão, que não poderia ser apresentado na melhor roda sem provocar censuras e ironias. Como haviam de escarnecer-lhe o mau gosto! Devia acabar aquele idílio que em má hora começara. Desgostar o seu paizinho tão bom, tão carinhoso para desposar um roceiro que mal conhecia, sacrificar a sua mocidade a uma quimera de momento, matar o futuro que lhe acenava em horizontes róseos, trocar a vida alegre das senhoras de com tom pela rude existência de mulher de um camponês! Envergonhava-se de que seu espírito romanesco a tivesse levado tão longe! O ideal de uma existência a dois, longe dos rumores do mundo, numa casinha perdida entre a verdura dos prados era belo, mas muito inexecutável para uma moça nas suas condições” (Clotilde, 1902, 104-106)

É inevitável imaginar a protagonista como uma mulher à frente de seu tempo pelo título do livro, mas vale lembrar que se tratava de 1902, onde as mulheres possuíam poucos direitos. Nazaré é tida como uma filha submissa, uma jovem extremamente gentil que luta para manter seu casamento desastroso, pois foi assim que foi ensinada. Prova disso é a forma como se nega a aceitar o divórcio de início:

“- Devias requerer o divórcio, rompendo de uma vez por todas os laços que te prendem àquele miserável.  
- Oh! Meu pai, não fale assim! Ele é o pai do meu filho e eu, no caráter de sua esposa, tenho o dever de socorrê-lo e tratá-lo em casos como este em que se encontra agora. Abandoná-lo quando ele expia os desvios de uma vida viciosa, à míngua do socorro dos homens, seria de minha parte revoltante, e eu jamais praticarei assim. 154

Esta conquista não teria sido possível sem a influência do seu pai. Ao ter o poder de decidir e dissolver o casamento, destaca o poder que o patriarcado exerce sobre as mulheres, mostrando que isso não aconteceria se o pai ignorasse a dor da filha. Nas obras de hoje, a independência feminina é muitas vezes tratada de forma avassaladora, com protagonistas se rebelando contra o patriarcado, e ver uma jovem buscando a independência e ao mesmo tempo ser submissa pode ser chocante a princípio. Francesca Clotilde faz um ótimo trabalho interpretando essa personagem.



Ao nosso entender, o que se torna patente é que, compondo A Divorciada, paradoxal que pareça, Francisca Clotilde mais não foi que uma romântica. Tanto que, embora a tese da liberdade física da esposa traída em seus ideais esteja implícita, como necessidade e como remédio universal, não é a esposa quem procura, de modo próprio, a revolução. (Colares, 1987, 63).

Clotilde fala sobre como o consentimento das mulheres não é levado a sério, mostrando como mulheres e esposas estão apegadas à responsabilidade de cuidar de seus maridos e filhos, e só têm essa visão, não porque de fato consentiram, mas porque é de fato imposta. eles desde o nascimento. Ao fazer com que o pai de Nazaré apoiasse a dissolução do casamento, ela garantiu que o trabalho fosse mais realista para a época.

Outra crítica ao longo do livro é a do preconceito social, pois o principal motivo do Coronel se casar com a própria filha é a identidade de Arthur, sem ao menos deixá-lo ouvir a opinião de Nazareth sobre o casamento sem amor, ação que o faz envelhecer com o passar do tempo. ao longo do tempo. Nazaré, por sua vez, busca a renúncia à fé e a crença fiel no propósito divino de tudo isso:

Quantas súplicas levantadas todos os dias ao Deus bondoso para que desviasse o marido do mal! Ele não escutara a prece fervorosa, queria acrisolar su'alma virtuosa na adversidade. Era cristã, resignava- -se. Tinha de viver dali em diante totalmente sequestrada do mundo ocupando a mais triste posição na casa paterna. Quantos comentários se faziam a respeito dela! (Clotilde, 1902, 206).

Só após muita insistência por parte do pai, Nazaré finalmente viu-se como uma mulher verdadeiramente livre, embora, como citado anteriormente, ela esperou a morte do marido para poder finalmente casar-se com Chiquinho.

Ainda no fim da narrativa, Nazaré reflete o fato de estar oficialmente divorciada, no entanto seu coração ainda não se sentia bem em relação a essa palavra, sentia-se desolada e sua consciência pesava(Como se de alguma forma a culpada fosse ela pelo fim trágico de seu



casamento), apesar disso, sabia que tinha feito o possível e o impossível e assim revigora a sensação de dever cumprido. Só após muita insistência por parte do pai, Nazaré finalmente viu-se como uma mulher verdadeiramente livre, embora, como citado anteriormente, ela esperou a morte do marido para poder finalmente casar-se com Chiquinho.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Francisca Clotilde escreveu uma obra rica em detalhes e críticas sociais que infelizmente tornam-se necessárias até os dias de hoje, onde o divórcio embora não visto tanto como um tabu, ainda possui muita repercussão negativa para as mulheres.

O pioneirismo literário da autora transcende os limites de seu tempo e continua a inspirar, informar e provocar reflexões. Sua coragem em enfrentar questões sociais, juntamente com sua habilidade de dar vida às histórias humanas, a tornam uma das figuras mais marcantes da literatura brasileira. Seu legado não apenas representa sua própria jornada e realizações, mas também destaca a importância de desafiar normas, defender a justiça social e usar a escrita como uma ferramenta para a mudança. Francisca Clotilde não apenas abriu caminho para si mesma, mas também para todas as vozes que a seguiram e que ainda estão por vir. Sua influência perdurará por muitas gerações, continuando a enriquecer a literatura e a sociedade como um todo.

A obra pode ser vista como algo revolucionário, mas o mais marcante em todo o enredo é como foi realista, a forma como Clotilde sutilmente mostrou as amarras do patriarcado sendo rompidas é inspiradora. A emancipação cautelosa da mulher vista no livro reflete a abordagem gradual e estratégica adotada para promover a igualdade de gênero em um contexto socialmente desafiador. Embora tenha suas limitações e críticas, essa abordagem contribuiu para criar oportunidades e direitos para as mulheres ao longo do tempo. No entanto, a busca pela igualdade de gênero não está completa, e é fundamental continuar a avançar em direção a uma sociedade onde homens e mulheres possam compartilhar direitos, oportunidades e responsabilidades em pé de igualdade.

CLOTILDE, Francisca. **A divorciada**. Ceará: Typ. Moderna a vapor - Ateliers Louls 71, RUA FORMOSA, 71, 1902.

COLARES, Otacilio. **Lembrados e Esquecidos III**: Ensaio Sobre Literatura Cearense.

Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1977.

CUNHA, Cecília Maria. **Além do amor e das flores**: primeiras escritoras cearenses. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008.

MOURA, Gildênia - <http://recantodasletras.uol.com.br/autores/gildeniamura>, acesso em: 28 de jul de 2023.

MOTA, Anamélia Custódio. **Francisca Clotilde**: uma pioneira da educação e da literatura no Ceará. Gráfica e Editora Canindé, 2007.

SOUSA, Erika Maria Albuquerque; MORAIS, Solange Santana Guimarães. **A Emancipação da mulher na obra “A Divorciada”**, de Francisca Clotilde. Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 12, p. 100083-100090, 2020.